Organizadoras
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

Rupturas e desafios da educação no DISTRITO FEDERAL (1964 - 1985)



EDITORA
UnB

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz

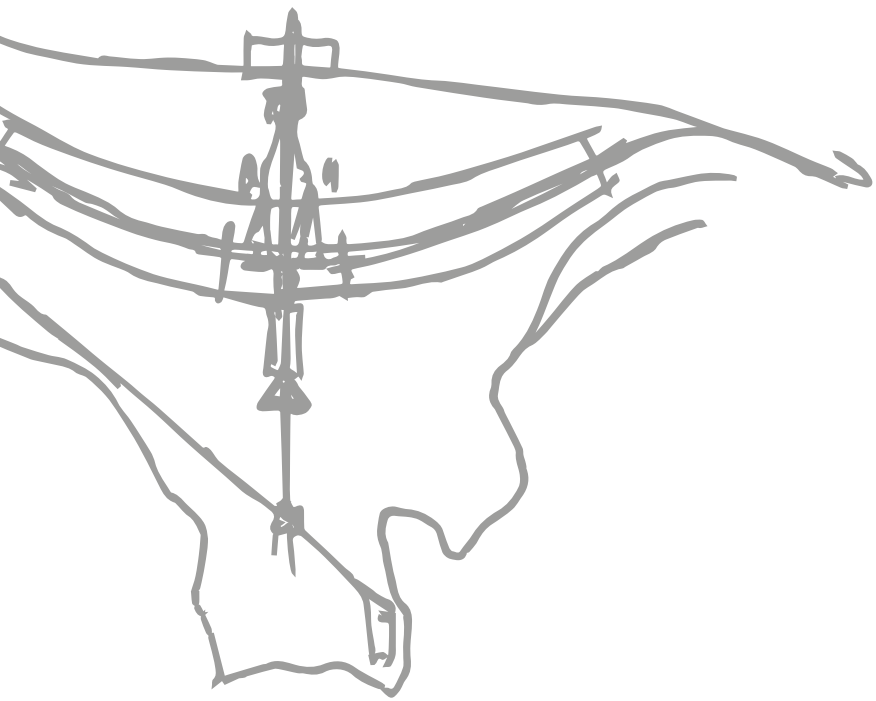
EDITORA
UnB

Diretora Marina Dourado Lustosa Cunha

Conselho editorial
Andrey Rosenthal Schlee
Biagio D'Angelo
Carina Luísa Ochi Flexor
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Josivânia Silva Farias
Maria Carmem Aires Gomes
Maria do Socorro Neri de Sousa
Maria Filomena Pinto da Costa Coelho
Marina Dourado Lustosa Cunha
Nilce Santos de Melo
Rosineide Magalhães de Sousa

Organizadoras
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

Rupturas e desafios da educação no DISTRITO FEDERAL (1964 - 1985)



EDITORA
UnB

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial Marília Carolina de Moraes Florindo

Assistência editorial Jade Luísa Martins Barbalho

Revisão Jeane Pedrozo

Diagramação Wladimir de Andrade Oliveira

Padrão visual/Capa Mauro Liz (2011)

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília-DF
CEP: 70910-900
(61) 3107-3700
www.editora.unb.br
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização expressa da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

R947 Rupturas e desafios da educação no Distrito Federal (1964 – 1985) [recurso eletrônico] / organizadoras, Eva Waisros Pereira, Laura Maria Coutinho, Maria Paula Vasconcelos Taunay. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
552 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-243-9.

1. Educação – Brasília (DF) – História. 2. Ditadura. I. Pereira, Eva Waisros (org.). II. Coutinho, Laura Maria (org.). III. Taunay, Maria Paula Vasconcelos (org.).

CDU 37(817.4)(09)

Heloiza dos Santos – CRB 1/1913

Sumário

APRESENTAÇÃO.....14

Parte I
OUTROS ARES SOPRAM

Capítulo 1
Contexto sociopolítico em 1964: a capital ocupada.....21
Claudia Paiva Carvalho
Cristiano Paixão

Capítulo 2
A educação tecnicista no golpe militar de 1964.....46
Raquel de Almeida Moraes

Capítulo 3
Financiamento da educação no Distrito Federal: o período autoritário.....62
Jorge Abrahão de Castro

Capítulo 4
Estudo comparado da educação escolar em instituições públicas e privadas do Distrito Federal (1964-1984) 79
José Luiz Villar Mella

Parte II
PENSADORES DA EDUCAÇÃO APARTADOS

Capítulo 5
Anísio Teixeira: pensamento silenciado, ação interrompida 95
Eva Waisros Pereira

Capítulo 6

Paulo Reglus Neves Freire, Brasília, 1964 130

Laura Maria Coutinho

Capítulo 7

Darcy Ribeiro: trajetória, exílio e pós-exílio.....156

Haydée Ribeiro Coelho

Parte III

EDUCAÇÃO, AUTORITARISMO E REPRESSÃO

Capítulo 8

O elefante branco: uma escola com o nome de resistência.....175

Eliane Brito

Capítulo 9

Organização de docentes do Distrito Federal: a repressão no período da ditadura militar 194

Antonio Carlos Andrade de Souza

Erlando da Silva Rêses

Capítulo 10

Centro Integrado de Ensino Médio, Ciem: uma escola inovadora no período da ditadura militar 221

Ariane Abrunhosa

Denise Farage

Mariana Penna

Capítulo 11

Tecnologias da educação na nova capital: desenganos e êxitos 254

Maria Paula Vasconcelos Taunay

Raquel de Almeida Moraes

Parte IV
O OCASO DE UMA PROPOSTA TRANSFORMADORA

Capítulo 12
O golpe militar de 1964 e suas consequências sobre o plano educacional de Anísio Teixeira.....278
Leila Chalub Martins

Capítulo 13
O papel da tipologia das escolas classe na definição do lugar escola no Plano Piloto de Brasília.....303
Samira Bueno Chahin

Capítulo 14
Educação de jovens e adultos trabalhadores: concepções e práticas em disputa.....315
Leila Maria de Jesus Oliveira
Maria Margarida Machado

Capítulo 15
Educação negada: a luta dos moradores da Vila Paranoá pelo direito de estudar.....354
Leila Maria de Jesus Oliveira
Ricardo Gonçalves Pacheco

Parte V
MUDANÇAS NO CURRÍCULO ESCOLAR E NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Capítulo 16
Fios e tramas da memória: a cultura cívico-patriótica na escola pública do Distrito Federal (1964-1985).....376
Antonio Fávero Sobrinho
Valéria Nely Cézar de Carvalho

Capítulo 17

Estudo de um caderno de teoria e prática de ensino na matemática da Escola Normal da Ceilândia.....403

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho

Edilene Simões Costa dos Santos

Carmyra Oliveira Batista

Mônica Menezes de Souza Batista

Capítulo 18

Imagens da cidade e da escola: sobre a atualidade da proposta da escola parque para a capital.....423

Maria Andreza Costa Barbosa

Maria Lídia Bueno Fernandes

Parte VI

BRECHAS, ESPAÇOS ALTERNATIVOS E RESISTÊNCIA

Capítulo 19

Wladimir Murtinho e sua atuação na educação e na cultura do Distrito Federal 452

Maria Paula Vasconcelos Taunay

Capítulo 20

Projeto integrado de educação ambiental de Ceilândia: uma experiência inovadora em terreno minado.....482

Vera Margarida Lessa Catalão

Josefina Reis de Moraes

Capítulo 21

Entre livros e artes, uma escolinha de criatividade e uma biblioteca infantil na 104/304 Sul.....501

Luciana de Maya Ricardo

Alice Fátima Martins

Capítulo 22
Um olhar literário sobre Brasília: textos inaugurais e escrituras da resistência 521
Maria Alexandra Militão Rodrigues

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....541
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

SOBRE OS AUTORES 545

Parte III
EDUCAÇÃO, AUTORITARISMO E REPRESSÃO

Capítulo 11

Tecnologias da educação na nova capital: desenganos e êxitos

Maria Paula Vasconcelos Taunay
Raquel de Almeida Moraes

No fluxo da história, vestígios são deixados pelo trânsito humano. Ao menor movimento, minúsculos resíduos se depositam nas curvas dos rios e nas estradas sinuosas, traçando acidentes históricos e geográficos perenes. Assim são as fontes nas mãos dos pesquisadores, garimpeiros de significados coletivos que se alimentam nas vigorosas curvas da produção de conhecimento. Neste capítulo, buscamos determinados indícios da identidade idealizada para o sujeito da nova capital como resquícios capazes de evidenciar a formulação de estruturas de ensino voltadas à integração da tecnologia na educação do Distrito Federal.

Nos primórdios da nova capital, existia certa crença fantasiosa sobre o modelo de modernidade que a cidade poderia adquirir, o fenômeno provocava denso deslocamento populacional, desde a década de 1950, justificado pelo desejo popular de uma vida mais confortável, com acesso facilitado à educação e à tecnologia. Essa concepção de modernidade popularizava-se por meio da televisão, que exibia, via satélite, a corrida espacial e, indiretamente, transmitia mensagens simplificadas de emancipação e desenvolvimento. Acreditava-se na eliminação genérica de problemas mundiais, como a

pobreza e o analfabetismo, por meio de ferramentas forjadas a partir de conhecimentos científicos, enquanto crescia a sede de tecnologia. Se, por um lado, o fascínio exercido pela modernidade destinava elevados recursos públicos e privados para a produção de equipamentos e linguagens, por outro, relegavam-se questões essenciais, como alimentação e saúde, ao esquecimento, provocando o aumento das diferenças na produção regional que impunham severas restrições econômicas às populações menos favorecidas.

Brasília edificava-se. Entre tratores e gruas, as estruturas armadas recebiam elevadores e escadas rolantes naquele paraíso de automóveis que atraía a admiração de todos para suas exclusividades futurísticas. O desafio da técnica misturava-se à simplicidade do modelo urbano de duas retas que se cruzam, de Lúcio Costa, em contraposição ao imaginário com carros voadores, cidades suspensas, trabalho robotizado por inteligência artificial, concebidos no cinema por Hanna-Barbera.

Enquanto, nos Estados Unidos da América, o psicólogo Burrhus Frederic Skinner dedicava-se à teoria do condicionamento operante em experimentos psicológicos sobre o behaviorismo radical na educação e na psicologia, nas relações entre a filogenética, a cultura e a história de vida, no Brasil, Anísio Teixeira, inspirado no pragmatismo norte-americano de John Dewey, inventava um sistema de ensino básico e superior constituído por escolas parque e escolas classe com oficinas, ateliês e bibliotecas, para oferecer condições a todos estudantes de instrumentalizarem seus saberes entre o científico e o humanístico.

As "máquinas de ensinar" surgiam e traziam as tecnologias para o ensino mediante a programação de estímulos fundamentados mecanicamente como bases do ensino à distância. Nascia a 3.ª geração de computadores e a telemática, expressão francesa para nomear a ligação entre informática e telecomunicações. Surgia o mundo a cabo, livre do *hardware*, que processava dados esboçados em ligações entre os setores de informática e telecomunicações. Novas redes criadas a partir de sistemas a cabo, como a teleinformática, a TV

a cabo e o uso de satélite nas comunicações, revolucionavam a comunicação e propagavam a ideia de internacionalização das fontes de conhecimento. Com ferramentas para a retransmissão de programas para quantas estações terrestres captassem seu sinal, em sistemas de distribuição, comunitários ou de difusão direta, a realidade tecnológica se mostrava ao mundo.

A alvorada da eletrônica chegava à educação, agregando verbetes oriundos das engenharias ao dicionário pedagógico: instrumentos, conteúdos, objetivos, sequência lógica, metodologia, planejamento, programação e tecnologia tornavam-se sinônimos de outras, de cunho humanista, como observação, retórica, finalidade, método, filosofia, moral, razão, pensamento e transcendência. A contradição entre os discursos relativos à técnica e ao saber humanista era notória, revelando um antagonismo que levou Teixeira a tornar-se um rigoroso defensor da consonância entre ambas as correntes de pensamento. É o que se observa no planejamento da educação pública de Brasília no qual Teixeira concebe uma estrutura na qual as aprendizagens abstratas são realizadas na escola por meio de técnicas e de exercício manual, no turno contrário, nas escolas parque.

No presente capítulo, é investigada a formação de uma rede de profissionais em educação, no período compreendido entre 1964 e 1985. Serão observados dois casos pioneiros no país, o primeiro, no âmbito federal, o projeto Saci, primeiro satélite educacional nacional, e o segundo, distrital, com a criação do Núcleo de Tecnologia (Nutel), da Fundação Educacional do Distrito Federal.

A concepção tecnológica de Anísio Teixeira

Em *Cultura e tecnologia* (Teixeira, 1971), o autor idealizava uma noção de tecnologia estruturada sobre o tripé do saber, da cultura e da educação. O saber, presente desde o século V a.C., justificava-se pela busca da inteligência pela sabedoria ou pela "aplicação do saber à conduta humana"

(p. 11), entendida como estudo da filosofia. Segundo Teixeira, o saber grego resultava do método da observação, mesmo ainda marcado por uma natureza especulativa, metafísica, intemporal, algo subjetivo e não comprovado. Para Teixeira, o método "não permitiu apenas conhecer, mas também descobrir e inventar" (p. 12). Uma vez criado, além dos conhecimentos físicos, o método científico trouxe múltiplas tecnologias e o mundo foi transformado e controlado. Dessa forma, a separação entre o saber humanístico e o saber científico é motivada por "causas que não foram intelectuais, mas sociais" (Teixeira, 1971). A cultura e a ciência puseram-se a serviço do sistema econômico dominante, dando origem à indústria "como solução do problema da produção, sem consideração a quaisquer aspectos humanos" (p. 15).

Fascinado com as possibilidades do uso do microfilme, Teixeira já diagnosticava a agitação do poderio econômico diante do potencial tecnológico. Para o autor, a tecnologia matricial trazia como possibilidade o "rompimento de privilégios e aportar progressos técnicos e eletrônicos, podendo ser utilizada com intensidade e amplitude desconhecida em outras épocas" (p. 11), anunciando, pois, uma revolução educativa. Partindo das críticas de Whitehead ao ciclo fechado do pensamento positivo, pragmático e operacional da ciência moderna, Teixeira alerta sobre o perigo de estarem as tecnologias limitando, senão destruindo, a inerente natureza transcendente e crítica do pensamento humano.

A extensão do método científico ao processo cultural e, desse modo, à restauração da educação humanística do homem combina o discurso teórico de Teixeira a autores como Raymond Williams, sobre cultura, Marshall Mc Luhan, sobre tecnologia, e John Dewey, sobre experiência e educação. Em relação a essas referências, o autor concebe um modelo de educação para adaptar o sujeito tanto à tecnologia como à sua cultura, com autonomia suficiente para fornecer-lhe as bases para ultrapassar os limites da pura especialização para o trabalho, tornando-o partícipe no controle, na revisão e na reforma dessa cultura. Como marca do seu pensamento, afirma:

> Cultura é o conceito novo de nosso tempo, significando o esforço humano por controlar, pela tomada de consciência, pela conscientização do seu processo em nossa vida, o desenvolvimento em que nos lançam as extensões tecnológicas dos nossos sentidos e poderes [...]. Mas, como a cultura é algo dinâmico, em constante mudança, o homem somente pode tomar consciência da mesma pelo esforço extraordinário da educação. E essa educação não pode fazer dele o inseto especializado da espécie, mas o homem capaz de ... controlar todo o processo de sua vida. E jamais será isto possível se a educação apenas o especializar para a produção e suas ocupações pessoais. Há a necessidade de habilitá-lo para muito mais do que isso. Habilitá-lo a compreender e dirigir a cultura em que está mergulhado e em que vive, a fim de poder aceitá-la e adaptar-se a ela, ao mesmo tempo, contribuir para sua constante revisão e reforma. Para este tipo de educação, teremos de voltar ao tempo em que a educação era a busca da sabedoria – da "arte da vida", ainda na expressão de Whitehead – e não apenas do saber especializado que precisa para seu trabalho produtivo. (Teixeira, 1971, p. 16-17)

Ao percorrer desde a antiguidade, quando predominava a cultura oral passando pela invenção da tecnologia manuscrita e tipográfica, o autor já vislumbrava, nas invenções do rádio, do cinema, da televisão, da eletrônica e do microfilme, a possibilidade da universalização do saber. Para ele, se, na antiguidade, esse saber era privilégio dos templos e sacerdotes, na atualidade, poderia ser acessível à aprendizagem de todos, pela ampliação das tecnologias, com base eletrônica dos novos meios de comunicação. Prefaciando McLuhan na tradução para o português de *A galáxia de Gutemberg*, Teixeira expressa que:

> A novidade dos nossos tempos tumultuados, com o início da era eletrônica em substituição à mecânica e tipográfica de nossa extinta era moderna, pela maior transformação tecnológica de toda a história, será a de que vamos entrar na nova era tribal da aldeia mundial pelos novos meios de comunicação, mas agora

> em contraste com os nossos antepassados espontaneístas e semiconscientes, em estado de alerta, como diz McLuhan. (Teixeira, 1972, p. 13)

Anísio Teixeira, assim como McLuhan, foi entusiasta da tecnologia eletrônica por dar acesso à era da aldeia global; mas diferentemente dos seus antepassados, percebiam que a intensificação do processo tecnológico criou a cultura tecnológica que tem representado, "mais do que tudo, o reino dos meios em contraposição ao reino dos fins e valores fundamentais da vida humana" (Teixeira, 1971, p. 19).

Tendo por fundamento o entendimento de Dewey quando afirma que "os meios são parcelas dos fins, não podendo, portanto, considerá-los neutros nem indiferentes" (Teixeira, 1971, p. 19), Anísio Teixeira considerava fundamental o estudo do processo cultural no intuito de assegurar a correspondência entre meios e fins de modo a ter seu controle. Em vista disso, afirma que "tal estudo é que poderá dar-nos consciência do processo da cultura sob a qual vivemos e da qual somos hoje cegamente dependentes, e, pela consciência, a possibilidade de dirigir e orientar seu desenvolvimento" (Teixeira, 1971, p. 20).

Teixeira (2007) reconhece o problema da educação brasileira a partir da necessidade de uma mudança civilizacional para todos e não apenas para os intelectuais. Para tanto, o autor propõe à escola brasileira a tarefa de reproduzir os novos aspectos dessa civilização, definitivamente desenvolvida em suas técnicas e coroada pela cultura em que elas virão a florir, quando humanizarem as suas aplicações e idealizarem os seus resultados. "A técnica se terá identificado, então, com uma verdadeira cultura e desaparecerá o dissídio atual entre a cultura de ontem e a técnica, ainda muito mecânica de hoje" (p. 47).

A formação da mentalidade tecnológica na nova capital

Da lavra de Anísio Teixeira, o Plano de Construções Escolares de Brasília, previa a criação de um sistema de educação pública para a nova capital

estruturado em três partes: a educação primária, a educação média e a educação superior, sendo a última determinada no âmbito da Universidade de Brasília (UnB), em área própria. A educação superior seria compreendida por institutos destinados ao ensino científico básico e especializado; faculdades de educação, politécnica, ciências médicas e direito, destinadas à formação intelectual e ao adestramento profissional, além de reitoria, sala magna e biblioteca central e *campi* de recreação e desportos com estádio, ginásio, piscina, serviços administrativos e gerais.

Entre as prerrogativas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, estava a criação de uma mentalidade tecnológica na nova capital. Para tanto, caberia à instituição abordar aspectos civilizatórios que estimulassem o saber humanizado somado às possibilidades da técnica no campo da educação superior. Como um reflexo da cultura que se almejava para o país, caía sobre a universidade a responsabilidade de gestar intelectualmente a jovem sociedade de modo a prepará-la para enfrentar seus problemas. Esperava-se que a UnB forjasse uma dinâmica social renovada, tendo como ponto de partida a pesquisa para "consolidar o país como nação ao se produzir conhecimentos e propor soluções próprias às questões que o afligem" (Nunes, 2000). À UnB caberia assegurar Brasília na categoria intelectual de capital do país, de modo a imprimir um caráter renovador aos empreendimentos, garantindo a capacidade de interação com os principais centros culturais mundiais, ensejando o pleno desenvolvimento das ciências, das letras e das artes em todo o Brasil. Essa perspectiva cultural, atribuída à UnB, permitiria "libertá-la do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo" (Ribeiro, 1961), desde que cumprisse seus objetivos de

> ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecidas à juventude brasileira; diversificar as modalidades de formação científica e tecnológica, instituindo novas orientações técnico-profissionais que o incremento de produção, a expansão dos

> serviços e das atividades intelectuais estão a exigir; contribuir para que Brasília exerça efetivamente a função integradora que se propõe assumir, através da criação de um núcleo de ensino superior aberto aos jovens de todo o país e a uma parcela da juventude da América Latina, e de um centro de pesquisas científicas e estudo de alto padrão. (Geribello, 1977, p. 99-100)

Como instituição atenta à formação dos seus cidadãos, a Universidade de Brasília foi criada para congregar especialistas nos estudos dos problemas nacionais (Salmeron, 1999). Seu estatuto afirma a missão de contribuir para a vida social na capital do país, constituindo-se em espaço de excelência em formação. Inspirada na deposta Universidade do Distrito Federal (UDF), ainda no Rio de Janeiro, a Universidade de Brasília foi instituída em 15 de dezembro de 1961 e sua organização foi pautada na garantia dos princípios de democratização e gratuidade do ensino (Pôrto Jr., 2001). Desde 1962, com o início das aulas, reunia nomes de expressão favoráveis ao fortalecimento das universidades no Brasil, entretanto, do mesmo modo que ocorreu na UDF, em 1938, pouco tempo após sua inauguração, a UnB teve seu projeto original interrompido: Teixeira, então reitor, foi afastado de seu cargo e de suas atribuições.

O golpe militar de 1964 adiou em dez anos a implantação da área de tecnologias na UnB, que foi configurada somente em 1974, com a abertura da habilitação em Tecnologia Educacional na Faculdade de Educação, destinada ao estudo da tecnologia e suas linguagens. Com o propósito de formar uma mentalidade tecnológica na jovem sociedade brasiliense, previa-se, desde sua criação, o funcionamento de emissora de rádio e de televisão como uma das principais inovações mencionadas no seu plano orientador (Moraes, 2018).

Naquele período, mesmo com a efetiva ampliação das matrículas, sobretudo nas modalidades profissionais, e a intensificação da oferta de cursos de pós-graduação, em nível de especialização e mestrado para professores em

nível técnico e administrativo, o modelo de educação superior dialogava abertamente com os interesses socioeconômicos do mercado capitalista. Após um intenso período de equipagem das instituições nacionais, vinculando o aumento produtivo da economia nacional à ampliação das vagas em cursos de graduação voltados para a profissionalização em tecnologia e conforme a teoria do capital humano, justificava-se a educação gerada pelo "fator humano" para produzir bens de consumo. Desse modo, conforme Saviani (2005; 2007), a geração de recursos audiovisuais no ensino demandava aperfeiçoamento do magistério e do pessoal técnico de nível médio, característica marcante no processo de tecnicização da mão de obra brasileira, consolidando uma política social instrumentalizada pelo conceito da técnica em contraposição ao humanismo clássico, identificada como a teoria do capital humano. O governo militar pouco interesse manifestava no desenvolvimento de uma mentalidade tecnológica no Distrito Federal, embora aderisse abertamente às tendências tecnicistas emergentes.

Projeto Saci, o satélite brasileiro

Desde 1962, a Comissão Nacional de Pesquisas Espaciais (CNAE), vinculada ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), dedicava-se a projetos de pesquisa aplicada na área espacial em favor de uma escolarização tecnológica. A partir dessa instituição, nasceu a ideia de criação do primeiro satélite nacional, o projeto Saci. Resultado de uma parceria tecnológica desenvolvida com cientistas norte-americanos da Stanford University, a iniciativa adveio dos resultados do relatório Sistema Avançado de Comunicação e Educação no Desenvolvimento Nacional — Advanced System for Communication and Education in National Development (ASCEND) —, dessa mesma universidade, que alertava para o potencial de comunicação vinculado a uma estrutura central, capaz de oferecer alto nível de interação para empresas e governo mediante acesso a áreas de

difícil acesso, por meio de uma rede nacional de transmissão de dados, de fac-símiles, telegramas e programas de televisão.

O relatório pretendia forçar governos a criar múltiplos sistemas nacionais de telecomunicações via satélite, e, posteriormente, seria visto como um documento "sem traços de estudo acadêmico que se revelava um estudo de viabilidade cuja ambição principal é vender determinada tecnologia" (Santos, 1981), no caso, o satélite. Segundo o autor, o relatório descrevia os

> problemas básicos que os países em desenvolvimento devem enfrentar resulta de sua incapacidade de prover número suficiente de professores habilitados para responder à demanda de educação de suas populações em crescimento. Em países como Brasil, Índia e Indonésia, grande número de professores não tem formação adequada e muitos deles têm apenas o curso primário. A necessidade de professores provavelmente não poderá ser satisfeita com programas de formação convencional em menos de cinco ou dez anos. Nesse ínterim, uma nova geração mal instruída terá sido adicionada a uma economia já sobrecarregada. (Santos, 1981, p. 85)

Com o empenho do governo militar brasileiro em favor do estabelecimento de uma estrutura de ensino tecnológico, realizou-se a compra do satélite Intelsat, importado dos EUA. Em 1971, para subvencionar as primeiras fases do programa tecnológico, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) disponibilizou 2 milhões de dólares para a compra dos equipamentos necessários ao projeto que seria administrado por Fernando de Mendonça, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Tal aquisição impediu o desenvolvimento de tecnologias nacionais além de importar um modelo inadequado de ensino às demandas da população. Uma vez adquirido o satélite "brasileiro", seria necessário desenvolver um projeto de educação à distância, de caráter exemplar, para demonstrar a eficiência e a competência do regime em assuntos populares. A ideia original era a de que, por meio do satélite, seria coberto todo o território nacional, o que,

na prática, revelou-se inviável, então optou-se pela realização de um projeto-piloto. A região escolhida, para tanto, foi o Rio Grande do Norte, nas cidades de Mossoró e Caicó, há 112 quilômetros de Angicos, onde, dez anos antes, em 1962, Paulo Freire havia iniciado seu projeto de alfabetização de adultos. Veladamente, o governo militar pretendia colocar em oposição o método de educação pela técnica contra o da formação do sujeito social e político.

Para desenvolver os conteúdos do que se tornaria o primeiro curso de TV Educativa no Brasil, entre 1971 e 1973, foram convidados especialistas da área da educação das Universidades de São Paulo, Campinas e Brasília para cursar um mestrado profissional em Tecnologia Educacional, a cargo de equipe acadêmica da Universidade de Tallahasse, nos EUA. As tendências behavioristas do professor Sheppard orientaram a metodologia do curso, que previa o uso remoto de elementos da teoria de sistemas, para análise de problemas regionais, em dinâmicas de "Instrução Programada" para docentes e estudantes.

Com previsão para início em 1972 em 500 escolas do Rio Grande do Norte, o projeto sofreu com constantes adiamentos justificados pelos atrasos na fase de execução do material didático e na instalação de equipamentos de recepção, rádios e televisores, que, em algumas localidades, chegavam no lombo de jegues, conforme noticiava o jornal O Globo. Devido às alterações na fase de testes, o projeto teve início em escala reduzida e em condições controladas, para verificação da eficiência da aprendizagem em programas de ensino de primeiro grau e fundamentação do sistema em âmbito nacional. Nessa etapa, o Inpe comunicava a produção sistemática de programas audiovisuais realizados em seus estúdios de São José dos Campos com a colaboração de produtores e pedagogos, em uma média diária de gravação de três aulas de TV por dia e de cinco a oito horas de programa de rádio, e um total de 120 programas, rigorosamente dentro do cronograma da missão, em 1972.

Em funcionamento desde 1974, o Saci atendeu às quatro primeiras séries do primeiro grau sob consultoria do relatório ASCEND, que advertia sobre a eficácia do protótipo do sistema de audiovisual de educação a

distância, na educação primária e formação de professores. Segundo relato da professora Maria Cândida (Moraes, 2017), professora da Universidade Católica de Brasília (UCB) e membro da equipe de professores conteudistas do projeto, "o trabalho se deu sem que ninguém da equipe tenha ido uma única vez ao Rio Grande do Norte". Moraes tece consistente crítica ao modelo de formação utilizado sem qualquer possibilidade de diálogo e afirma que "ali aprendeu-se o que não se deve fazer em termos de educação a distância". Destaca, ainda, que "houve intensivamente a participação de professores do Departamento de Comunicação, a exemplo dos professores Marco Antônio Rodrigues Dias, Climério Ferreira e Hugo Castro, que cumpriam a função de desenvolvedores de conteúdo, nas perspectivas behaviorista e tecnicista".

Alheada da execução do projeto Saci, a professora revelou dificuldade para produzir programas de televisão educativa em São José dos Campos para professores no Rio Grande do Norte. A falta de contexto levou ao desmonte do projeto tecnológico nacional de educação, inviabilizando "uma proposta nacional de uso de tecnologias na educação que tivesse como princípio fundamental o respeito à cultura, aos valores e interesses da comunidade brasileira" (Moraes, 1997, p. 4). No caso do projeto Saci, cientistas ignoraram a importância da cultura e do saber local ao distanciar a população das possibilidades de acesso à tecnologia na educação.

Em 1976, o Saci registrou um total de 1.241 programas de rádio e TV, recebidos em 510 escolas de 71 municípios. As transmissões foram interrompidas em 1978, sob o argumento dos altos custos de manutenção de satélites e das diferenças culturais entre o perfil dos programas produzidos no estado de São Paulo. O desejo do governo militar de solucionar o problema do analfabetismo, principalmente no Norte e Nordeste, por meio de um projeto de educação via satélite, revelou-se um experimento tecnológico autoritário, do tipo tecnocrático, sem engajamento popular. Os resultados gerados ilustram uma terceirização grosseira da questão educacional com uso de tecnologias.

Segundo Santos (1981), à luz da reflexão sobre a concepção de mundo absorvida a partir de tais arquivos, exibiu-se um contexto social despreparado para o desafio, dada a falta de depuração na coordenação das partes.

> O silêncio deve permanecer como tal; ele indica o lugar dos camponeses e dos trabalhadores agrícolas no projeto e na vida social brasileira; um lugar povoado de objetos de todas as explorações, de todos os caprichos, nunca de sujeitos de fala. E é esse silêncio que transforma em tragédia o que, de outro modo, não passaria de uma comédia tecnológica. As professoras e os alunos do Projeto SACI/EXERN não tem voz e não tenho poder de lhes dá-la. Nessas condições, o pesquisador não podia e não queria tornar-se o enésimo inquiridor; pareceu-me preferível seguir o conselho de Jean Luc Godard quando diz: Em vez de questionar os trabalhadores, e preciso trabalhar as questões. (Santos, 1981, p. 228)

Durante o período da ditadura militar no Brasil, considerou-se que a solução dos problemas educacionais nacionais estava no acesso à tecnologia, na adoção do ensino à distância e no uso de satélites de comunicação. Considera-se que a iniciativa do projeto Saci foi frustrada, em nível nacional, e que relegou o ensino da tecnologia a uma perspectiva simplista, o que gerou grande fracasso na área para o país e para outras tendências tecnológicas nacionais.

A rede de profissionais em tecnologia do DF: o Nutel

Diferentemente do caso anterior, fontes pesquisadas revelaram que, durante a gestão do secretário Wladimir Murtinho na Secretaria de Educação do Distrito Federal, entre os anos de 1975 a 1979, foi articulada a implantação de um sistema de educação da cidade com o uso de tecnologias audiovisuais. Essa novidade seria igualmente recebida com a confiança, como no âmbito federal, de que os severos males da educação pública local seriam derrotados.

Em Brasília, foi criado um espaço para professores desenvolverem um conceito de modernidade e tecnologia no âmbito da educação pública.

Entre as diversas medidas institucionais tomadas à época, o secretário Wladimir Murtinho solicitou estudos e projetos de educação comunitária que justificassem a produção de material instrucional e de pesquisa para atender às escolas da rede oficial de ensino. Como consequência da reforma administrativa da FEDF, foi instituída, em 1977, a unidade orgânica vinculada à Diretoria Geral de Pedagogia e sua estrutura física própria foi inaugurada em 9 de março de 1979. Coube à professora Josephina Baiocchi, então diretora-geral de Pedagogia, viabilizar a implementação de um sistema de apoio técnico, no pavilhão localizado no Setor de Indústrias Gráficas, onde seriam produzidos, divulgados e avaliados materiais pedagógicos, como recursos complementares do processo educacional. Como a proposta exigia a constante qualificação de professores para a atualização de tecnologias e renovação de equipamentos, não bastava o estabelecimento das estruturas físicas, era necessário alinhar uma equipe de profissionais capacitados que viabilizassem a criação do pioneiro Núcleo de Teleducação da Fundação Educacional do Distrito Federal (Nutel).

O novo órgão, dedicado às possibilidades pedagógicas da tecnologia na educação, estabeleceu-se nos grandes galpões modulares, em tijolinhos, como regia a arquitetura escolar dos anos 1970, na rede pública local, ao lado da gráfica da Fundação Educacional do Distrito Federal, órgão reconhecido pela excelência adquirida em produzir material digital e impresso, por professores e autores da casa, de forma independente. Dentre as ações autorais promovidas pelo Nutel, cita-se a cartilha *Histórias e brincadeiras*, um livro de textos para leitura, de Marialice de Carvalho e Lygia Thereza, publicado pela Edições Fundação Educacional do Distrito Federal. O trabalho em equipe contou com a colaboração dos professores Militina de Jesus Paz, Cleide de Souza Martins e Luzia de Almeida Kirjner, com programação visual de Marcel Arnaldo de Paoli, ilustrações de Maria Regina Rego Ramalho e caderno de exercícios de Luiz Inácio Ferreira.

A equipagem do Núcleo de Tecnologia contou com o apoio de diversos projetos de cooperação técnica internacional para a educação, entre esses: o projeto Pedagogia Audiovisual para Comunicação Educativa (Pace), desenvolvido pela Unesco, e o projeto Tecnologia de Meios de Ensino Aprendizagem (TECMEA), em parceira com o governo do Japão.

> Dentre os materiais doados, constam equipamentos de gravação, produção e veiculação de programas de vídeo. Nós conseguimos os equipamentos e havia as duas coisas que tinha o ensino regular e havia a possibilidade de você ter acesso a uma videoteca com todos os cursos dados pela TV Globo. São equipamentos complicados, mas nós [...], mas é uma qualidade, uma melhora espantosa. E também no ensino de esportes e técnicas de ensino e para a transmissão de conhecimentos através do vídeo. Não sei o que aconteceu depois, mas na época isso foi totalmente revolucionário. (Murtinho, 1990)

Para equipar esse Núcleo de Tecnologia, o governo do Distrito Federal fez a importação dos primeiros equipamentos de audiovisual. Dada a inexistência de som direto e a dificuldade de se igualar som e imagem à época, a alternativa encontrada para solucionar o problema era a adoção de um modelo de gravador de som, o Nagra, criado pelo engenheiro sueco Jean Roush, em circulação na década de 1970. Gravava-se a imagem da pessoa falando para a câmera e com o gravador de som fazia-se a sincronização entre fala e imagem. Relata-se a conversa sobre a aquisição dos magnetofones entre o cineasta Vladimir Carvalho e o embaixador Wladimir Murtinho:

> Eu sugeri que ele comprasse para a Secretaria de Educação quando ele foi secretário porque ele adquiria isso fora do país com facilidade. Passaram uns meses e ele estava na fila do cinema e me viu chegar e gritou: Xará, xará, vem aqui. O seu magnetofone chegou. Isso foi um reforço muito grande para a atividade de cinema aqui em Brasília. (Carvalho, 2008)

Com entusiasmo, o Secretário comemorou o pioneirismo em adquirir 20 magnetoscópios que cumpririam a finalidade de equipar o Núcleo de Tecnologia e produzir vídeos para a prática educativa no Curso Normal, possibilitando que as normalistas vissem a si mesmas em suas aulas práticas (Murtinho, 1990).

Depois de reorganização interna, o Nutel passou a atuar como um Centro de Tecnologia Educacional (CET), inicialmente dirigido por Massaru Kondo. O órgão estruturou as equipes de trabalho coordenadas nos setores de vídeo, desenho, mediateca, informática e administração (Museu da Educação do Distrito Federal, 1982).

Com a finalidade de documentar, registrar pesquisas e experiências pedagógicas, gravar em estúdio de som, trilha sonora, locução de programas e eventos relevantes ligados ao calendário escolar, promovidos pela rede ou por outros órgãos, o setor de vídeo contava com os professores Elza Ramalho, Emília Branco, George Kuroki, Glória Curado, José Luiz, José Miranda, Lucas Pires, Márcio Baiocchi e Maria Coeli de Almeida Vasconcelos, entre outros. O núcleo desempenhava, ainda, a função de produção de programas educativos e culturais relacionados à história da cidade, copiagem e telecinagem de filmes em vídeo.

No departamento de Desenho Ana Lúcia Pompeu, Campinhos, Célia Matsunaga, Cláudia Simas, Iracema Malheiros, Lilian Junqueira, Marcelo Terraza e Madalena Didonet formavam uma equipe que elaborava ilustrações, diagramação, *layout*, arte-final, documentação fotográfica, letreiros para cartazes, jornais, revistas, cartilhas, *folders*, e livros, transparências, gráficos, serigrafia, desenho animado e vinhetas para vídeos (Museu da Educação do Distrito Federal, 1985).

A Mediateca emprestava material audiovisual às escolas da rede, programas em vídeo, filmes 16 mm, *slides* e diafilmes, assim como analisava e selecionava novos materiais audiovisuais visando à renovação e à ampliação do acervo. Ana Regina, Lucas Pires e Maria Rosângela, que atuavam nesse

setor, ainda treinavam o pessoal da FEDF para a operação de equipamentos de som e vídeo e viabilizaram a instalação e operação desses equipamentos.

No setor encarregado pela área de pesquisa e confecção de protótipos de materiais pedagógicos, atuavam as professoras Carmela Queiroz, Elaine Alves, Márcia Acioli, Marilena Cunha, Nancy Ferreira e Zilda Garcia, responsáveis pela coordenação, divulgação, acompanhamento e avaliação do trabalho desenvolvido pelas equipes das oficinas pedagógicas das Diretorias Regionais de Ensino. A proposta das oficinas pedagógicas recebeu abrigo no Nutel desde seus primórdios, tendo em vista sua premissa de formar profissionais da educação para o desenvolvimento de jogos já existentes e criação de outros, conforme a necessidade pedagógica dos professores que procuravam meios para tornarem suas aulas mais prazerosas (Silva, 2017).

A coordenação central foi instalada no Núcleo de Tecnologia Educacional (Nutel/FEDF) e teve como coordenadora a professora Elisabete Batista de Rezende, que atendia professores da educação infantil e do ensino fundamental de anos iniciais e finais. Em 1990, com a realização da I Capacitação dos Profissionais das Oficinas Pedagógicas: organização e manutenção de oficinas de práticas industriais, com certificação pelo Ceteb, a proposta das oficinas pedagógicas ganhou impulso e começou a ocupar espaços e maquinários de marcenarias das escolas que ministravam a disciplina Práticas Industriais, prevista na grade curricular.

No setor da informática, os professores Ivan Silva, Carlos Moreno e Mário Maciel desenvolviam pesquisas e serviços de infografia e animações por computador visando o uso nos processos de ensino e aprendizagem, em interface com os outros setores de produção e da administração para a composição de textos, cadastramentos e listagens eletrônicas. A área de administração do órgão era executada por Anísia Gomes, Carmelita, Marluce Contaifer e Sérgio Moriconi com foco na coordenação e no apoio aos trabalhos executados pelos diversos setores do Nutel, com o objetivo de atender adequadamente a demanda do complexo SE/FEDF.

Habilitados para o desenvolvimento de ações tecnológicas, os professores do Nutel produziram centenas de horas de programas de ensino para televisão, com transmissão via satélite e material de apoio. Muito produziu-se no Departamento de Criação em Imagem, do Nutel; em seus registros, estão os primórdios da produção audiovisual local, em manifestações populares e eventos históricos e em linguagens iconográficas, em letreiros e cartazes de capas de LPs das bandas de *rock* locais. Os profissionais envolvidos nos setores de vídeo, desenho, mediateca e informática do Núcleo de Tecnologia Educacional ampliaram a visibilidade do sistema público de ensino, ao mesmo tempo que obtiveram um *status* funcional modernizado pelo manejo de instrumentos de ensino desconhecidos da maior parte da categoria dos professores.

Desde a criação do Núcleo de Tecnologia, houve um incremento na elaboração de estratégias educacionais tecnológicas, com vista a facilitar o processo de aprendizagem e formação de professores, mediante a produção de programas audiovisuais e imagéticos. Com serviços da instituição solicitados previamente, as estratégias de atendimento e planejamento obtiveram êxito e reconhecimento. O governo do Distrito Federal e parceiros, como a Fundação Roberto Marinho, permaneceram, por décadas, promovendo cursos a distância por meio de teleaulas preparadas para o segmento da educação de jovens e adultos, em estúdio destinado à pesquisa em educação audiovisual. Como um centro de formação profissional, o Nutel deu destaque ao potencial humano da coletividade, representada pelos professores que compuseram a rede pioneira de profissionais especialistas em tecnologia no sistema de ensino público do Distrito Federal.

Verifica-se que, no caso do projeto Saci, houve descaso na formação de uma mentalidade tecnológica local e nacional. As universidades de Brasília, UnB, São Paulo, USP, e Campinas, Unicamp, tiveram seus professores, estudantes e gestores sumariamente excluídos do processo de produção tecnológica educacional nacional, cabendo-lhes apenas a produção textual de conteúdos em uma precária modalidade de ensino a distância descontextualizado e sem

qualquer apelo popular. Acredita-se que, ao se conceder o mérito do trabalho tecnológico educacional à universidade de Stanford, docentes e discentes das áreas de tecnologia das citadas universidades assimilaram a inadequação e o fracasso do projeto Saci. O episódio contribuiu para distanciar a educação superior do ideal tecnológico na educação nacional, dificultando o trabalho autoral na ciência brasileira, na área da educação e tecnologia, o que impactou as memórias institucionais das universidades citadas. O processo de implantação do projeto Saci foi cerceado por omissão de agentes políticos durante todo o processo. Foi negada à população docente e discente do Distrito Federal a possibilidade de adquirir conhecimentos tecnológicos mediante comprovada influência do governo federal, em favor do fomento de uma cultura tecnológica estrangeira e distanciada do contexto nacional.

O grave entrave para a educação tecnológica no Brasil consolidou-se como um trauma ao excluir a Universidade de Brasília do projeto Saci, evidenciando uma sistemática articulação pelo desmonte da matriz na educação superior pública na nova capital durante os anos da ditadura militar. As mesmas medidas de desmonte do projeto de Anísio Teixeira permanecem observáveis na negação da conclusão do Plano de Construções Escolares de Brasília e na descontinuidade na qualidade do ensino democrático e tecnológico, fortalecendo, desse modo, a dependência nacional no campo educativo e tecnológico.

No caso do Nutel, houve o desenvolvimento de uma rede de profissionais que, posteriormente, se distribuíram por toda a rede pública de ensino disseminando tecnologia como forma de cultura e saber. Como um núcleo de formação profissional, a criação do Nutel superou as expectativas presentes na educação tecnológica, ao dialogar com as práticas docentes da atualidade e promover reflexão em torno de temas presentes na escola contemporânea. A implantação desse núcleo permitiu prestigiar professores locais, estimulando-os a produzir, dirigir e refletir a tecnologia como instrumento de ensino.

A formação da equipe de professores e técnicos durante os anos mais duros do regime militar inovou desde sua criação, tendo em vista a habilidade

política do secretário de Educação e Cultura, embaixador Wladimir Murtinho, em favor da solidez das bases culturais e educacionais. Segundo depoimento do cineasta Vladimir Carvalho,

> Ele não tinha dificuldade porque não tomava partido, não tinha uma posição política e ideológica que incompatibilizasse ele de falar com quem quer que seja e muito habilmente, como era um diplomata falava com os militares, falava com a direita, com a esquerda. Isso foi muito importante, e com isso Brasília deve muito a ele porque foi Secretário de Educação. Lembro-me que depois dele na Secretaria de Educação veio Pompeu de Sousa e foi também uma felicidade para a cidade a existência de Pompeu. (Carvalho, 2008)

Para Rubens Ricúpero, vizinho e colega de Wladimir Murtinho, foi "um homem de muitas vidas, de incontáveis iniciativas que mergulhou no dia a dia das professoras, quando Secretário da Educação" (Ricúpero, 2004, p. 23). O relacionamento pessoal que ele mantinha com o corpo docente e artístico de Brasília revitalizou o ideário de Anísio Teixeira, o modelo de educação integral e a disseminação da cultura local sobre o tripé de Teixeira para o desenvolvimento de uma sociedade tecnológica com oportunidades para o florescimento da cultura, da educação e dos saberes.

Desde 1996, o antigo Nutel denomina-se Canal E e continua fomentando, entre professores, estudantes e comunidade educativa, a produção e conscientização do uso e do consumo dessas ferramentas tecnológicas. Em sua programação, disponíveis em vídeos, encontram-se os programas "Além da Sala", "Boletim Educação", "Caixa Preta", "Canal E Esporte", "Canal E Notícia", "Certas Palavras", "Descomplicaê", "Em dia com a educação", "Mediação em arte", "Minha escola", "Minha história, meu saber", "Nosso cerrado", "O nome da história", "Vitrine pedagógica". Como um canal semiaberto de televisão com programação própria ao público local, segue estimulando a autonomia tecnológica na rede pública de ensino do Distrito Federal. Organiza anualmente o Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas

de Brasília, como parte integrante da programação do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, no qual apresenta centenas de produções audiovisuais, realizadas por estudantes de escolas públicas, que cursam o ensino fundamental, médio, profissional e de jovens e adultos. A cada edição, o referido festival homenageia os pioneiros do ensino da tecnologia no Distrito Federal, tendo rendido homenagens aos professores Vladimir Carvalho, Sérgio Moriconi, Maria Coeli Vasconcelos, Laura Maria Coutinho e outros.

A autonomia conquistada mediante a inovação de uma cultura tecnológica por essas instituições de ensino, seus atores, professores e gestores, baseia-se no campo crítico e socializado, em uma perspectiva igualitarista, conforme defendido por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro para a educação pública do Distrito Federal.

Referências

BRASIL. Relatório ASCEND: Advanced System for Communications and Education in National Development. *Relatório Técnico.* LAFE-104, mar. 1970. Conselho Nacional de Pesquisas/Comissão Nacional de Atividades Espaciais São José dos Campos. São Paulo. Disponível em: http://marte3.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/iris@1905/2005/07.25.22.38.19/doc/INPE-104%20LAFE.pdf. Acesso em: 27 ago. 2019.

CARVALHO, Vladimir. *Entrevista*. Entrevistadora Maria Paula Taunay. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal. Brasília, 12 fev. 2008.

GERIBELLO, Wanda Pompeu. *Anísio Teixeira*: análise e sistematização de sua obra. São Paulo: Atlas, 1977.

MORAES, Maria Cândida. *Entrevista*. Entrevistadoras Raquel de Almeida Moraes e Maria Paula Taunay. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal. Brasília, 8 ago. 2017.

MORAES, Maria Cândida. *Informática educativa no Brasil*: uma história vivida, algumas lições aprendidas. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, n. 1, abr. 1997. Disponível em: https://moodlep.uem.br/pluginfile.php/126788/course/overviewfiles/Texto%20%201%20Inform%C3%A1tica%20Educativa%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

MORAES, Raquel de Almeida *et al.* A Educação a distância na Faculdade de Educação. *In:* BORGES, Lívia Freitas Fonseca; VILLAR, Luiz; WELLER, Wívian (org.). *FE 50 anos:* 1966-2016. 1a. ed. Brasília: Editora UnB, 2018, v. 1, p. 367-412.

MURTINHO, Wladimir do Amaral. *Entrevista.* Entrevistadoras: Vera Margarida Lessa Catalão e Wanda Cosetti Marinho. Acervo do Museu da Educação do Distrito Federal. Brasília, 5 fev. 1990.

MUSEU DA EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. *Folheto Núcleo de Tecnologia.* Acervo documental, 1982.

MUSEU DA EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. *Histórias e Brincadeiras*. Acervo bibliográfico, 1985.

NUNES, Clarice. *A poesia da ação.* Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

PORTO JUNIOR, Gilson. Anísio Teixeira e a universidade brasileira: a vida em um percurso. *Revista ParticipAção.* Semana Universitária, Universidade de Brasília, 2001.

RIBEIRO, Darcy. Universidade de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v. 36, n. 83, jul. /set. 1961. p. 161-230.

RICUPERO, Rubens. *A contribuição de Murtinho para a construção de Brasília*. Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros, ano 11, n. 46, p. 23-25, jul. /set, 2004. Disponível em: http:// www.iadb.org.br/boletim/ADB-46.pdf. Acesso em: 18 set. 2019.

SALMERON, Roberto. *A universidade interrompida.* Brasília: Editora UnB, 1999.

SANTOS, Laymert Garcia. *Desregulagens:* educação, planejamento e tecnologia como ferramenta social. São Paulo: Fundação de Desenvolvimento da Unicamp/Editora Brasiliense, 1981.

SAVIANI, Demerval. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. *In:* SAVIANI. Demerval; LOMBARDI, José Claudinei (org.) *Marxismo e educação*: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 223-274.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil.* Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, Maria José de Aragão Capdeville. Oficinas Pedagógicas na história: um espaço de construção da ludicidade na educação do Distrito Federal. *Dossiê Relatos de Experiência, Cadernos RCC#10*, v. 4, n. 3, ago. 2017.

TEIXEIRA, Anísio. *Cultura e tecnologia.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio.* 7ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

TEIXEIRA, Anísio. Prefácio. *In:* MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg*: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1972.

Sobre os autores

Alice Fátima Martins

Doutora em Sociologia, professora titular na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Bolsista de produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: profalice2fm@gmail.com

Antonio Carlos Andrade de Souza

Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília; professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: toninho2018pos@gmail.com

Antonio Fávero Sobrinho

Mestre em História pela Universidade de Brasília, Professor Assistente na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Ariane Abrunhosa

Doutora em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal.
E-mail: abrunhosa.ariane@gmail.com

Claudia Paiva Carvalho

Doutora em Direito pela Universidade de Brasília, professora de Direito do Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP).
E-mail: claudiapaivac@gmail.com

Cristiano Paixão
Doutor em Direito Constitucional pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor adjunto da Faculdade de Direito da UnB.
E-mail: cristiano.aslh@gmail.com

Carmyra Oliveira Batista
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: carmyra.batista@gmail.com

Denise Farage
Especialista em Políticas Públicas pela Universidade de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: denisefarage@gmail.com

Edilene Simões Costa dos Santos
Doutora em Educação, em Ciência e Matemática pela Universidade de Brasília, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
E-mail: edilenesc@gmail.com

Eliane Brito
Doutoranda em História pela Universidade de Brasília, professora do Centro Universitário Planalto do DF (Uniplan), da Faculdade Projeção e professora substituta do Instituto Federal de Brasília.
E-mail: eliane.cbo@gmail.com

Erlando Reses
Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UnB.
E-mail: erlandoreses@gmail.com

Eva Waisros Pereira
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Aberta de Portugal; professora emérita e pesquisadora associada plena do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília.
E-mail: evawaisros@gmail.com

Haydée Ribeiro Coelho
Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, professora associada IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: haydeeribeiro@hotmail.com

Josefina Reis de Moraes
Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Católica de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: josefinarmoraes@gmail.com

José Luiz Villar Mella
Doutor em História Social e das Ideias pela Universidade de Brasília, professor associado I da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Jorge Abrahão de Castro
Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pesquisador associado da Universidade de Brasília e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB).
E-mail: jorge.abrahao57@gmail.com

Laura Maria Coutinho
Doutora em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: lauracou@gmail.com

Leila Chalub Martins
Doutora em Ciências Sociais - Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas, professora do ensino básico público de Brasília de 1968 a 1992, professora associada aposentada da Universidade de Brasília.
E-mail: leilachalub3@gmail.com

Leila Maria de Jesus Oliveira
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: leiladejesus@gmail.com

Luciana de Maya Ricardo
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: luciana.maya@gmail.com

Maria Andreza Costa Barbosa
Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, professora de Artes Visuais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: andrezaferreiro@gmail.com

Mariana Gonçalves Penna
Graduada em História pela Universidade de Brasília e estagiária do Museu da Educação do Distrito Federal.
E-mail: marigpenna@gmail.com

Maria Alexandra Militão Rodrigues
Doutora em Psicologia, professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: alexandrarodrigues57@hotmail.com

Maria Lídia Bueno Fernandes
Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo, professora associada 3 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS).
E-mail: lidia_f@uol.com.br

Maria Margarida Machado
Doutora em Educação, professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: mmm2404@gmail.com

Maria Paula Vasconcelos Taunay
Doutora em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: mariapaulataunay@gmail.com

Mônica Menezes de Souza Batista
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: profmonicams@yahoo.com.br

Raquel de Almeida Moraes
Doutora em Educação, professora Associada 4 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Líder do Grupo Lattes do CNPq: GT História, Sociedade e Educação no Brasil no DF, HISTEDBR-DF - HISTEDBR.
E-mail: raquelmoraesbr@gmail.com

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo, professora do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) e da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: rosalia.carvalho@udf.edu.br

Ricardo Gonçalves Pacheco
Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília, professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: prof.ricardopacheco@gmail.com

Samira Bueno Chahin
Doutora em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo, professora do Centro Universitário Facens, membro do Comitê Editorial do projeto Arquitetura e Escrita e do GT Territórios Educativos do Instituto de Arquitetos do Brasil, São Paulo.
E-mail: samira_chahin@yahoo.com.br

Valéria Nely Cézar de Carvalho
Doutora em História pela École Pratique des Hautes Estudes de Paris, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: carvalho.nely@gmail.com

Vera Margarida Lessa Catalão
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
Email: veramcatalao@gmail.com

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro.

Esta obra é mais uma etapa da história da educação no Distrito Federal. Seu recorte histórico abrange o período da ditadura militar no Brasil, com foco nos acontecimentos na área da educação e suas repercussões na rede de ensino local. Os desafios vividos naquele período de autoritarismo constituem experiências antagônicas ao ideário democrático fundante do sistema de ensino público inovador da capital brasileira. A construção do conhecimento histórico a esse respeito é essencial para que se compreenda a relação intrínseca entre educação e sociedade, bem como as estratégias de organização social adotadas para o enfrentamento à opressão política e ideológica que marcou toda uma geração de brasilienses.

Alice Fátima Martins | Antônio Carlos Andrade de Souza
Antônio Fávero Sobrinho | Ariane Abrunhosa
Claudia Paiva Carvalho | Cristiano Paixão | Carmyra Oliveira Batista
Denise Lucinda Farage | Edilene Simões Costa dos Santos | Eliane Brito
Erlando Reses | Eva Waisros Pereira | Haydée Ribeiro Coelho
Josefina Reis de Moraes | José Luiz Villar | Jorge Abrahão de Castro
Laura Maria Coutinho | Leila Chalub Martins | Leila Maria de Jesus Oliveira
Luciana de Maya Ricardo | Maria Andreza Costa Barbosa
Mariana Gonçalves Penna | Maria Alexandra Militão Rodrigues
Maria Lídia Bueno Fernandes | Maria Margarida Machado
Maria Paula Vasconcelos Taunay | Mônica Menezes de Souza
Raquel de Almeida Moraes | Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho
Ricardo Gonçalves Pacheco | Samira Bueno Chahin
Valéria Nely Cézar de Carvalho | Vera Margarida Lessa Catalão